

# Do Gênesis à salutogênese

## Sergio Ariel Grines

Médico antroposófico e homeopata

Endereço para correspondência: Guemes 40, 6º D, código postal 1704.

Ramos Mejía, Província de Buenos Aires, Argentina.

sergio.grines@salutogenesis.com.ar

Tradução de Nilo E. Gardin, com autorização e revisão do autor, do original *Del Génesis a la salutogénesis*.

Disse Rudolf Steiner (1997): “Consideremos um espírito como Paracelso. Encontraremos em suas obras uma estranha frase. (...) Disse que havia encontrado um livro que encerrava profundas verdades médicas. E qual é esse livro? A Bíblia! Ele quis nomear com isso não somente o Antigo Testamento, senão, sobretudo o Novo. Porém tinha que saber ler a Bíblia para encontrar ali o que descobriu Paracelso. (...) Tal é o caminho do futuro. Isso é o que deveriam fazer todos os que querem encontrar o caminho, levantar-se da queda na matéria. Há ali uma possibilidade de não desperdiçar os grandes progressos materiais realizados. Porém há também a possibilidade de deixar o espírito penetrar em si”.

## A Bíblia

Os velhos hebreus, os nazarenos, os essênios, mesmo Jesus de Nazaré, que falava aramaico e hebraico (Satz, 1993), os cabalistas de distintas regiões e épocas, destinaram grande parte de sua vida ao estudo da sabedoria bíblica. Com devoção e profundo respeito pelo texto sagrado, que consideravam proveniente do mundo espiritual, estes estudiosos da sabedoria oculta tinham certeza de que a conformação da Bíblia guarda um parentesco indissolúvel com a da natureza e do cosmos. Também sabiam que este “livro especial” foi criado para o homem e

a ele foi dado por considerá-lo o centro da vida e do mundo.

A Bíblia foi legada ao homem em idioma hebreu. Em seu idioma original, o texto não mudou ao longo dos tempos. A língua hebraica (palavra que deriva de *eber*, que significa do outro lado) (Weinreb, 1995) traz ao homem aquilo que pertence ao “outro mundo”. E o faz através da particular combinação de suas letras.

A linguagem da Bíblia oferece, de cada coisa, sua expressão quantitativa. Isso acontece porque o que tomamos por letras hebraicas são, em primeiro lugar, cifras; e, logo depois que as cifras adquirem sua sequência, chegam a ser letras com a consequente formação de um som e imagem (Weinreb, 1991).

Portanto, a palavra na Bíblia constitui um conceito quantitativo, e isso é necessário para poder acessar conceitos puros. Mesmo que nos resulte uma maneira estranha de compreender a palavra, antes que as letras constituam sons ou imagens sonoras, são primeiramente cifras. *Aleph*, em seu estado primário foi o “1”; *bet*, o “2”, e assim sucessivamente. Podemos observar que estas letras deram origem ao *alfa* e *beta* da escritura grega, e dessa maneira são precursoras do alfabeto que forma a base de diferentes línguas ocidentais. A Tabela 1 mostra as relações entre números e letras.

**Tabela 1.** Relações entre números e letras hebraicas

|   |        |   |    |        |   |     |       |   |
|---|--------|---|----|--------|---|-----|-------|---|
| 1 | ALEPH  | א | 10 | YOD    | י | 100 | CUF   | ק |
| 2 | BET    | ב | 20 | CAF    | כ | 200 | REISH | ר |
| 3 | GUIMEL | ג | 30 | LAMED  | ל | 300 | SHIN  | ש |
| 4 | DALET  | ד | 40 | MEM    | מ | 400 | TAV   | ת |
| 5 | HEI    | ה | 50 | NUN    | נ |     |       |   |
| 6 | VAV    | ו | 60 | SAMAJ  | ס |     |       |   |
| 7 | ZAIN   | ז | 70 | AIN    | ע |     |       |   |
| 8 | JET    | ח | 80 | PEI    | פ |     |       |   |
| 9 | TET    | ט | 90 | TZADIK | צ |     |       |   |

A proporção quantitativa é realmente o primordial na língua, aquilo que ocupa o primeiro lugar, portanto, aquilo que faz a ponte à essência das coisas: “Crer que mediante a observação numérica se poderia acessar a essência das coisas, talvez pareça um tanto infantil diante de todos que foram afetados pela formação materialista de nossos tempos. De toda a forma, aquilo que disse o grande mestre Pitágoras a seus alunos, que o saber sobre a natureza dos números nos conduz à profunda essência das coisas, tem sua razão de ser...” (Steiner, 2007).

## Gênesis 2:5-17

Como exemplo, tomaremos o 2º capítulo do Gênesis bíblico, no qual aparece a primeira manifestação de “o vivo”. Isto é claramente explicitado nos seguintes versículos:

5 Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o Senhor Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo. 6 Um vapor subia da terra e regava toda a superfície do solo. 7 Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.

Podemos observar que ali aparece o primeiro processo, descrito como um *vapor que ascende* e, imediatamente, a transformação do homem em um ser vivente.

A seguir o texto continua:

8 E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado. 9 Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal. 10 E saía um rio do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços. 11 O primeiro chama-se Pison; é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro. 12 O ouro dessa terra é bom; também se encontram lá o bdélio e a pedra de ônix. 13 O segundo rio chama-se Giom; é o que circunda a terra de Cuxe. 14 O nome do terceiro rio é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto é o Eufrates. 15 Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. 16 E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, 17 mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

Analisamos, em primeiro lugar, a palavra mencionada como “vapor”, em hebreu, *ed* (*aleph, dalet*). Se aplicamos a correlação numérica (ver Tabela 1) observaremos que *aleph* corresponde ao 1 e *dalet* corresponde ao 4, portanto a relação numérica deste primeiro fenômeno da natureza é 1:4. Logo aparece o homem, *Adam*. A relação *Aleph, Dalet, Mem* é 1:4:40. Mas adiante, está descrito um rio, que se divide em 4 braços principiais, ou seja, também aqui governa o ritmo 1:4.

Agora nos detemos nas duas árvores colocadas no centro do jardim: a árvore da vida (*etz hajaim*) e a árvore do conhecimento do bem e do mal (*etz hadaat tob varrá*). Neste caso, aplicamos a soma das letras que compõem cada palavra e vemos que *etz hajaim* soma 233, e *etz hadaat tob varrá* soma 932. Se os colocamos frente a frente, tal como estão a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal, obteremos a relação proporcional de 233:932, e essa relação é 1:4.

Esses feitos, longe de serem casuais, conquistam categoria de “profundas verdades médicas”, quando os comparamos com a relação que rege o equilíbrio respiração/circulação no ser humano: um movimento respiratório para cada quatro batimentos cardíacos – sendo esta proporção o eixo da harmonia de nosso sistema rítmico (Hussemann & Wolff, 1998). A configuração deste ritmo 1:4, neste capítulo do Gênesis, no qual aparece “o vivo”, tanto na terra como no homem, orienta nossa busca de “verdades” até este ritmo arquetípico.

Podemos nos perguntar aqui: não é o “vapor de água” (1:4) o estado físico do qual dependem as propriedades de intercâmbio gasoso nos pulmões? A configuração do coração não responde a uma estrutura dividida em quatro câmaras, que por sua vez, impulsionam correntes em quatro direções?

Disse Steiner (2007): “Assim como colocamos imagens, imaginações diante da alma, em um certo sentido também colocamos a força interna dos números diante do ser humano em um nível ainda mais elevado, e ele tem que aprender a experimentar as relações internas dos números como música espiritual”. Se estes números se transformam em “música espiritual” em nosso interior, novas melodias ressoam, reconectando-nos com nossa origem,

com nossas fontes, em comunhão com nosso planeta e com o cosmos. >>arquetípico, sendo de 0,25 g de medula óssea por cada 1 g de sangue periférico, quer dizer, medula óssea:sangue = 1:4.

Nascem em nosso ser imagens vivas nas quais cosmos, natureza e homem estão indissolúvelmente ligados a sua origem divina. O respiratório e o circulante possuem objetividade numérica, e são impregnados de sabedoria viva. Nosso planeta adquire em nós dimensão de ser vivente. Marcar-nos-á este “vapor” (1:4) no momento em que a terra começou a respirar? Este rio dividido em quatro correntes nos aproximará retrospectivamente no instante em que o coração da terra começou a bater?

A Bíblia tem em sua base estrutural a mesma conformação que o homem, a natureza e o cosmos. Este é o segredo de sua mensagem.

Como compreender o significado profundo destes números? A palavra *Adam* (1:4:40), sem a *aleph* (1) se transforma em *Dam* (4:40), cujo significado é “sangue”. Quer dizer que se ao sangue (4:40) incorporamos a *aleph* (o 1), teremos o homem (1:4:40). No idioma original da Bíblia, o homem é portanto, encarnação do ser espiritual (1) no sangue, elemento físico terreno (4:40). Por definição tem categoria de *homo spiritus*.

Se dermos um passo em profundidade no sentido das células sanguíneas encontraremos que a relação quantitativa entre medula óssea (lugar de origem) e o sangue periférico (lugar de manifestação) é mencionada por Karl König (1999), como formando parte deste ritmo >>

*Emet* é a palavra hebraica para mencionar “verdade”. É composta por *aleph*, *mem*, *tav*. Sua relação numérica é 1:40:400. Se retiramos *aleph* (o 1) de *emet*, teremos a palavra *met* (*mem*, *tav*) (40:400). A palavra *met* é traduzida como “morte”. A “verdade” (1:40:400) sem *aleph* (o 1) é a “morte” (40:400).

O 1 (número que representa a totalidade, o indivisível, o todo, a origem primitiva), é quem confere a vida. O 4 representa o físico-terreno. Já vimos que o 1 frente ao 4 representa respectivamente a árvore da vida frente à árvore do conhecimento (a partir da qual o homem encontraria a morte). Se falta o 1, falta a vida. O 4 sem o 1 é um cadáver. Tentar compreender o mundo sem o 1 leva à morte!

Assim nos acercamos ao sentido que o homem tem na criação. Localizado entre o céu (1) e a terra (4), é o único ser que pertence a ambos os mundos, e ambos são imanentes a seu ser. O centro rítmico do homem (1:4) é o ponto de encontro entre espírito e matéria.

## Gênesis 2:4

A Bíblia tem em sua estrutura diversos modos de comunicar ao homem os mistérios. No versículo 4 do mesmo capítulo encontraremos a seguinte escritura (texto original da Bíblia hebraica):

4 אֵלֶּה תּוֹלְדוֹת הַשָּׁמַיִם וְהָאָרֶץ בְּהִבְרָאָם בְּיוֹם עֲשׂוֹת יְהוָה (שני)

4 Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o Senhor Deus os criou.

Observemos o texto original: Uma letra tem um tamanho anormalmente pequeno.

בְּהִבְרָאָם  
אֵת : יו : :

BEHIBARÁM

Isso não é um erro de tipografia. É a letra *hei*. Os estudiosos da tradição bíblica referem que a palavra *behibarám*, cujo significado é “quando foram criados”, ao estar modificada por essa pequena letra, transforma-se em *behei-barám*, cujo significado passa a ser “com a *hei* os criou”. O número correspondente a *hei* é o 5, portanto a palavra mencionada na revela o seguinte mistério: “com o 5 os criou” (Weinreb, 1991).

Um novo número nos orienta aqui: soma, integração, unificação do 1:4, aparece o 5 (pequeno, oculto, embrionário, não visível, não expressado). Se o 4 representa a manifestação material, o 5 é aquele que supera a fronteira do material (mais além do 4). *Hei* (assim é também sua pronuncia) é, na Bíblia, representação numérica daquilo que atravessa a fronteira, o espírito vital, o alento divino, o *Ruaj Elohim* do primeiro capítulo do Gênesis.

O Pentateuco (os cinco livros do corpo principal da Bíblia) provém do “outro lado”. Esses livros foram entregues no dia número 50 (após 49 dias – 7 semanas – do êxodo do Egito). Tal dia é Pentecostes, celebração que estavam realizando os apóstolos (Novo Testamento), quando veio o Espírito Santo. Comparemos o escrito no Antigo e no Novo Testamento acerca do dia 50.

Antigo Testamento (Êxodo 20:18):

Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe.

Novo Testamento (Atos 1:2:3:6):

1 Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; 2 de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. 3 E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles (...) 6 Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. >>

>> O *Ruaj Hakodesh*, o Espírito Santo, é representado pela *hei*, pelo 5. Assim como o 4 representa o terreno, o mais exatamente “tempo terreno” (40 dias e 40 noites durou o dilúvio; 400 anos durou a escravidão no Egito; 40 dias esteve Moisés no Monte Sinai; 40 anos durou o caminho do deserto do povo hebreu; Jesus também esteve 40 dias no deserto), o número 5 representa aquilo que transcende a matéria. O Pentateuco culmina antes da entrada na terra prometida, feito que não é concretizado por Moisés, senão posteriormente por Josué ben Nun (literalmente: Josué filho de Nun, sendo *nun* a letra correspondente a 50). Ou seja, quem atravessa a “fronteira” é “o filho do 50”.

O mundo foi criado com o 5. O 1:4 é então a metamorfose humano-terrestre do 5 (substância supra-sensível). O 5 só está presente no modo de germen. A pequena *hei* nos mostra que este 5 ainda não se expressa completamente...

### Gênesis 2:3

Costumamos compreender a Bíblia como uma história antiga, que é contada como recordação de épocas remotas da humanidade. Assim sua mensagem perde significado e atualidade para o homem de hoje. Vejamos, por exemplo, o que aconteceu, com o correr dos tempos, com este versículo do mesmo capítulo 2:

עָשָׂה: ³ וַיְבָרֶךְ אֱלֹהִים אֶת-יּוֹם הַשְּׁבִיעִי וַיְקַדְּשׁ אֹתוֹ כִּי בּוֹ שָׁבַת  
מְכַל-מְלֵאכְתּוֹ אֲשֶׁר-בָּרָא אֱלֹהִים לַעֲשׂוֹת: ⁴

3 E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera.

A leitura deste parágrafo nos remete a algo realizado, concluído. Porém, no texto original existe uma palavra (a última do parágrafo), que foi omitida na maioria das traduções. A palavra é *laasot*, cujo significado é “para fazer”. Deveríamos ler, a pesar de ser aparentemente confusa a frase: *E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera, para fazer.*

Não podemos analisar os motivos pelos

quais “para fazer” foi eliminado das distintas traduções bíblicas, porém, neste caso, por mais paradoxal que pareça, essa “eliminação” se transforma em uma pista a seguir. Este misterioso e desaparecido *laasot*, “para fazer”, é o que nos ensina o caminho do futuro. O mundo não se concluiu com a criação divina. O mundo foi feito “para fazer”. Isso foi plasmado assim nos tempos do Gênesis! O homem é quem continua a obra divina.

Com o que conta o ser humano “para fazer”, para reconduzir o 1:4, e levá-lo ao 5? A resposta está, literalmente, em nossas mãos! Único ser que possui a oposição do polegar. Os dedos formam uma relação 1:4, que configura uma unidade superior, o 5. Nossas mãos são o instrumento “para fazer”, para reconduzir o 1:4 ao 5, atravessando a fronteira, transcendendo o terreno. Corroboremos idiomáticamente esta hipótese.

A palavra hebraica que se traduz como mão é *iad*: *iod* (10), *dalet* (4). A mão respeita a manifestação arquetípica 1:4, porém se integramos seus componentes, o 10:4 da mão se transforma em 5 ( $10 + 4 = 14$ .  $1 + 4 = 5$ ). A pequena *hei* pode ir adquirindo assim sua grande manifestação.

## Salutogênese

Fizemos uma viagem por alguns versículos do Gênesis. A tradição bíblica menciona que a divindade criadora entregou a Moisés, no Monte Sinai, a Torá (Pentateuco), sob a forma de sabedoria oral e escrita. O momento histórico deste acontecimento está localizado, pela cosmovisão antroposófica, como 3ª época cultural pós-atlante (2907-747 A.C.). Esta época foi seguida pela 4ª época cultural (747 A.C.-1413 A.D.). A época atual (5ª) é a que continua (1413-3573 A.D.).

Dentro desta cosmovisão histórico-espiritual, se torna interessante a seguinte frase (Steiner, 1997): “Em nossa época se efetua uma espécie de repetição, de ressurreição das experiências que os homens viveram na época caldeu-egípcia” (3ª época). Este processo de repetição ou ressurreição é denominado na antroposofia de espelhamento (Burkhard, 2001), e forma parte das leis da biografia humana, assim como da evolução da humanidade e do planeta. Uma época se encontra vinculada espiritualmente à outra, existindo um reflexo especular, onde observamos feitos de uma e outra etapa estabelecendo uma ligação de fenômenos, cada um com a qualidade de sua respectiva época. São como os braços centrais de um candelabro, com seu ponto médio na 4ª época, e a 3ª e 5ª épocas formando esta imagem em espelho.

Olhando os processos de saúde-enfermidade, trabalharemos sobre a hipótese de espelhamento entre as profundas verdades médicas do Gênesis e a atual salutogênese.

Qual é o contexto no qual surge a atual salutogênese? O paradigma salutogenético como busca das fontes, das origens da saúde (Antonovsky, 1990; Glöckler, 1997) surge no final do século XX, como resposta ao paradigma patogenético dominante (busca das causas da enfermidade), numa situação cultural na qual a medicina enfrenta grandes dilemas levados pelo o caminho unilateralizado de visão materialista. A “medicina do futuro” estaria baseada, segundo a visão da ciência material, no domínio da matéria física por parte do homem. A genética atual se baseia em um paradigma que descartou a gênese (origem espiritual do homem).

A salutogênese, nutrida pelo conhecimento antroposófico, propõe um reencontro com as próprias fontes da saúde física, anímica e espiritual. O homem pode cultivar sua saúde, através de um trabalho ativo, consciente, em seu pensar, seu sentir e seu querer (Moraes, 2005). Este trabalho de autoeducação necessita, como passo primordial, integrar nestas áreas o aspecto espiritual do ser humano. O contexto atual de uma ciência que só considera a matéria, pode ser o impulso que nos fortaleça no sentido de desenvolver um caminho de integração do espiritual ao cotidiano de nossas vidas, tanto na medicina, como nos diferentes campos de ação do ser humano.

Podemos agora reler com o olhar salutogenético os ensinamentos do Gênesis.

Fase descendente: do espírito à matéria -  
“com o 5 os criou”

Religação com o mundo espiritual, com o mundo dos divinos pensamentos criadores, que plasmaram o cosmo, a natureza e o homem (Milanese, 2007). Esta religação consciente, desde o nosso pensar, impregnado de um profundo sentimento de veneração, poderá transformar nossa vida cotidiana e nosso mundo em algo sagrado.

Fase de equilíbrio: espírito-matéria – “1:4”

A divindade é imanente ao ser humano. Seu sistema rítmico, âmbito da saúde, é o ponto de encontro entre o celeste e o terrestre. O eu macrocósmico habita o coração humano. Ali se encontram as forças da ressurreição.

Fase ascendente: da matéria ao espírito -  
“para fazer”

O ser humano conta com a possibilidade de transformar sua própria alma e o mundo que o rodeia. Somos convidados, em cada palavra, em cada gesto, em cada encontro, em cada ato criativo, a emancipar o 1:4, para elevá-lo ao 5. Nossas mãos, como símbolo de liberdade, nos foram confiadas para tal fim. Ressuscitamos, humanizamos e reconduzimos a materialidade morta até o espiritual.

Vemos, nestas três fases, o processo de metamorfose físico-anímico-espiritual, que pode acontecer no ser humano. Na última fase, o ser humano em liberdade é quem reconduz, qual substância humanizada, transformada, a matéria até o espírito. A autoeducação, o autodesenvolvimento, o cultivo de qualidades humanas, em relação com os demais seres, com a humanidade e com o próprio planeta podem, desta maneira, ir se convertendo em substância salutogenética para o homem atual.

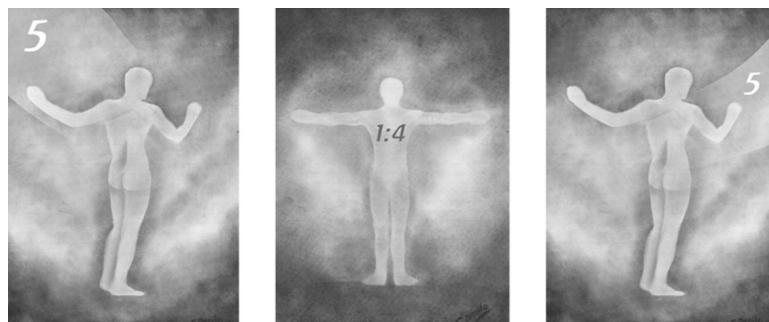


Figura 1. As três fases do processo salutogenético.

## Agradecimentos

À Dra. Sonia Setzer. Seu trabalho “Os dez mandamentos e a salutogênese” (VII Congresso Brasileiro de Medicina Antroposófica, São Paulo, 2007), e seu apoio foram o impulso para minha investigação bíblica.

Ao Camilo, mestre e artista, pelas imagens.

## Referências bibliográficas

- Antonovsky A. *Studying health vs. studying disease*. Lecture at the Congress for Clinical Psychology and Psychotherapy. Berlin, 1990. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/ok/soc/aberlim.html>>. Acesso em 01/07/2009.
- Burkhard G. *As Forças Zodiacais*. 3ª ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2001. p. 23-41.
- Glöckler M. *Salutogenesis: ¿Dónde se hallan las fuentes de la salud física, anímica y espiritual?* Buenos Aires: Edição Fundação San Rafael, 2004. 24 p.
- Hussemann F, Wolff O. *El sistema cardio-circulatorio y sus afecciones*. In: *La imagen del hombre como base del arte de curar*. Buenos Aires: Epidauro Editora, 1998. p. 118-165.
- König K. *Sobre o ferro cósmico no homem*. Arte Médica Ampliada, v.19, n.2, p. 16-22, 1999.
- Milanese FE. *Trimembramento do ser Humano*. Arte Médica Ampliada, v. 27, n.3 e 4. p. 28-44, 2007.
- Moraes WA. *Medicina Antroposófica: Um paradigma para o século XXI*. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 2005. 384 p.
- Satz M. *Jesús el Nazareno, Terapeuta y Cabalista*. Buenos Aires: Editorial Kier, 1993. 223 p.
- Steiner R. *Mitos y Misterios Egipcios*. Capítulos XI e XII. Buenos Aires: Editorial Antroposófica, 1997. 182 p.
- Steiner R. *Símbolos y Números Ocultos*. 3ª y 8ª Conferencias. Buenos Aires: Editorial Antroposófica, 2007. 144 p.
- Torat Emet. *Buenos Aires: Editorial Keter Tora*, 2008. 645 p.
- Weinreb F. *Kabbala. La Biblia, divino proyecto del mundo*. Buenos Aires: Editorial Sigal, 1991. 495 p.
- Weinreb F. *Yo, el oculto*. Buenos Aires: Editorial Sigal, 1995. p. 45-46.